

# Forma platônica e Substância aristotélica

Platonic form and Aristotelian substance

## RESUMO

Este trabalho propõe-se analisar o tratamento que Gail Fine dá à questão relativa às formas platônicas e substâncias aristotélicas em seu artigo "Plato and Aristotle on Form and Substance", in *Plato on Knowledge and Forms, Selected Essays*, Clarendon Press, Oxford, New York, 2003, p. 397-425. Neste artigo, a autora avalia os candidatos de Platão e de Aristóteles à categoria de substância e analisa o desempenho de cada um deles nesse papel.

**Palavras-chave:** Formas. Substâncias. Platão. Aristóteles.

## ABSTRACT

This work intends to analyze the treatment that Gail Fine gives to the question on Platonic forms and Aristotelian substances in his article "Plato and Aristotle on Form and Substance", in *Plato on Knowledge and Forms, Selected Essays*, Clarendon Press, Oxford, New York, 2003, p. 397-425. In this article, the author evaluates the candidates of Plato and Aristotle to the category of substance and analyzes the performance of each of them in that role.

**Keywords:** Forms. Substances. Plato. Aristotle.

## Introdução

Meu objetivo aqui é acompanhar o tratamento que Gail Fine dá à questão relativa às formas platônicas e substâncias aristotélicas em seu artigo *Plato and Aristotle on Form and Substance*.<sup>1</sup>

\* Doutorando em Filosofia pela USP

<sup>1</sup> FINE, G., *Plato on Knowledge and Forms, Selected Essays*. Oxford, Clarendon Press, New York: 2003, p. 397-425.

Neste artigo, Fine propõe-se avaliar os candidatos de Platão e de Aristóteles à categoria de substância, e também os critérios estabelecidos por Aristóteles - nas *Categorias* e na *Metafísica* - para determinar o que são as substâncias e quais são elas. De acordo com Fine, Aristóteles entende que seus candidatos a substância são particulares como Sócrates e Cálidas, e entende também que, para Platão, substâncias são universais não-sensíveis, eternos e imutáveis chamados formas (p. 397).

Aqui é necessária uma palavra prévia a respeito do uso do termo 'substância' aplicado às Formas de Platão. Embora eventualmente Platão denomine suas Formas ou Ideias de substância ou essência (*οὐσία*)<sup>2</sup> é mais comum que ele use para elas os termos *ἰδέα* ou *εἶδος*, sem ter, por isso, preferência especial ou técnica por este ou aquele termo, ou ainda por outros.<sup>3</sup> Quem realmente as chama intencionalmente de substância (*οὐσία*) é o próprio Aristóteles:

E, em verdade, a questão que outrora se levantou, que ainda hoje é levantada e sempre o será, que sempre é matéria de dúvida - a saber o que é o ser - identifica-se com a questão: que é a substância? [...] Por outro lado, certos filósofos não crêem que haja qualquer substância além das coisas sensíveis, enquanto outros pensam que existem substâncias eternas, mais numerosas do que essas e mais reais. Platão, por exemplo, postulou duas espécies de substância - as Formas e os entes matemáticos - assim como uma terceira espécie, que é a substância dos corpos sensíveis. (*Met.* Z1028b4-21).<sup>4</sup>

Frente a isso, faz-se necessário avaliar as razões que Aristóteles tem para assim referir-se às Formas de Platão, se é que ele tem alguma razão para fazê-lo. O que Aristóteles realmente quer demonstrar é que os candidatos de Platão - as Formas - não são os melhores candidatos à categoria de substância, como ele mesmo - Aristóteles - entende esta categoria. E é isto que Gail Fine se propõe avaliar em seu artigo.

Segundo Fine, Aristóteles defende a tese de que seus candidatos a substância são melhores do que os de Platão. Os candidatos que Platão escolheu para substância estão errados porque, de acordo com Aristóteles, os critérios de Platão estão errados. Nas *Categorias* e também na *Metafísica*, Aristóteles defende seus candidatos, critica Platão, estabelece seus critérios para a substância e apresenta, com base nesses critérios, sua alternativa aos candidatos de Platão. O problema, afirma Fine, é que Aristóteles, nas *Categorias* e na *Metafísica*, apresenta de maneiras diferentes sua concepção de substância. Fine escreve:

In both works he defends the priority of particulars. In the *Categories*, however, their nature is left unanalysed; and their priority is defended

<sup>2</sup> Veja-se, por exemplo, *Fedro* 247c: "A essência que realmente existe (*οὐσία ὄντος οὐσα*) ..." in Platão, *Fedro*, Trad. Carlos Alberto Nunes, Editora Universitária UFFA, Belém, 2011.

<sup>3</sup> Veja-se o que diz a este respeito o *Léxico de Platão*, Org. de Christian Schäfer, Edições Loyola, São Paulo, 2012, p. 151: "... o que na historiografia da filosofia é denominado "ideia" platônica é geralmente chamado por Platão, sem preferência perceptível na escolha lexical, entre outras coisas, de *idea*, *morphê*, *eidos* ou, dependendo do contexto, de *genos* ou até mesmo *ousia* e *physis*."

<sup>4</sup> Aristóteles, *Metafísica*, Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

largely by appeal to un-Platonic criteria. In the *Metaphysics*, by contrast, Aristotle analyses (sensible) particulars into compound, form, and matter. Socrates, for example, may be viewed as a compound of his form (his soul) and his matter (his body); or he may be viewed as his form or soul. Further, Aristotle now invokes additional, Platonic criteria for substance; and this leads him to argue that it is Socrates as form that counts as primary substance; the primary substances are individual forms. (p. 397).

Em nota a estas afirmações a autora adverte que sua análise da questão sobre a substância será válida somente se se aceitar a tese, que ela reconhece controversa, de que “as substâncias primeiras da *Metafísica* são formas individuais”. Caso isto não seja aceito, muito do que ela diz sobre a crítica de Aristóteles, e sobre a alternativa à proposta platônica, devem ser revistos.

I thus align myself with those who believe that in the *Metaphysics* Aristotle acknowledges individual forms, and counts them as his primary substances. This view is, of course, highly controversial; and my defence of it here is at best partial. The view that the primary substances of the *Metaphysics* are individual forms is defended by, *inter alios*, E. Hartman, *Substances, Body, na Soul* (Princeton: Princeton University Press, 1977), esp. ch. 2; and W. Sellars, ‘Aristotle’s *Metaphysics*: An Interpretation’, *Philosophical Perspectives* (Springfield, Ill.: Thomas, 1959), 73-124, and T. Irwin, *Aristotle’s First Principles* (Oxford: Clarendon Press, 1988), esp. ch. 12. If this view is rejected, then many of the things I say about Aristotle’s criticism of, and alternative to, Plato would need to be revised. [...] (n. 2, p. 397-398).

Dessa forma, na *Metafísica*, Aristóteles concorda com Platão em que as substâncias primeiras são formas, ainda que as formas de um filósofo e de outro sejam diferentes.

Platonic forms are universals; Aristotelian forms are particulars. Where there can be at most one Platonic form corresponding to a given predicate, there may be several Aristotelian forms. And many Aristotelian forms, though no Platonic ones, are sensible, perishable, and changeable. (p. 398).

Com esta introdução, Gail Fine propõe-se investigar as razões que levaram Aristóteles a preferir os seus candidatos e os seus critérios aos de Platão e, além disso, propor uma alternativa a Platão. Ao longo de seu artigo, a autora sugere e indica que, onde os critérios de ambos os filósofos convergem, as formas de Platão têm melhor desempenho e Aristóteles só pode defender sua posição enfraquecendo seus próprios critérios. Onde os critérios de ambos divergem, as formas de Platão têm desempenho ruim. Isso porém, não é demérito para Platão, pois, segundo Fine, os critérios de Aristóteles não são nem plausíveis nem necessários para a definição e a determinação de o que são e de quais são as substâncias.

## Substância e Essência

Na seção 2 de seu artigo, denominada “Substância e Essência”, a autora nos apresenta a substância, os candidatos de Platão e Aristóteles para ocupar este papel e explica o sentido dessa palavra para Aristóteles.

Segundo Fine, Aristóteles utiliza a palavra substância em dois sentidos básicos: por um lado, *οὐσία* expressa o ser, a realidade ou a substância de *x*, e neste sentido, refere-se aos seres básicos que existem e falamos tão somente da *substância*; por outro lado, *οὐσία* responde à questão "O que é o *x* de *F*", e neste sentido, refere-se à substância *das* coisas. Assim, no primeiro sentido, referimo-nos à *substância primeira*, no segundo sentido, falamos da *essência* das coisas. É assim que, para Platão, as substâncias primeiras são os universais eternos, imutáveis e não-sensíveis chamados formas, enquanto que, para Aristóteles, as substâncias primeiras são particulares como Sócrates ou Cálidas.

It is natural, but not necessary, to identify these two sorts of *ousiai* - to believe, that is, that the essences of things are the primary substances. That, I take it, is Plato's view: his primary substances are his forms; and he takes forms to be the essences of things. We specify a thing's essence, say what it is, by suitably relating it to the relevant form or forms. It is, indeed, in part *because* he believes that forms provide answers to the 'What is *F*?' question - are the essences of things - that he takes them to be the primary substances. (p. 399).

Gail Fine assevera que, nas *Categorias*, Aristóteles critica a identificação platônica de forma e essência. As substâncias primeiras não são universais de qualquer tipo, como quer Platão, mas entidades individuais como um indivíduo homem, uma árvore ou um cavalo. Além disso, elas não são as essências dessas entidades, suas essências são suas espécies e gêneros que são universais na categoria de substância e estas são as substâncias segundas de Aristóteles. Assim, a essência que para Platão é substância primeira, para Aristóteles é substância segunda: "Hence, although no universal is a *primary* substance, Aristotle concedes to Plato that at least some universals - the species and genera of primary substances - are *secondary* substances." (p. 399).

Na *Metafísica*, porém, Aristóteles é simpatizante da identificação platônica de substância primeira, forma e essência. Em Z6, diz a autora, Aristóteles "argumenta que cada coisa primeira é idêntica à sua essência, e que a forma de cada coisa é sua essência, e portanto, é substância primeira (1032b1-2)." (p. 399). No entanto, segundo Fine, a simpatia de Aristóteles na *Metafísica* é apenas aparente, pois, aqui, Aristóteles revoga a afirmação das *Categorias* de que pelo menos alguns universais são substâncias segundas, para afirmar que nenhum universal é substância (esp. Z13, em e.g. 1038b8-16, b34-1039a2).

Assim, embora Platão esteja certo ao identificar substância primeira, essência e forma, ele errou na identificação dos candidatos para substância. As substâncias primeiras da *Metafísica* são formas individuais e não universais. A autora, mais uma vez, esclarece que esta afirmação é altamente controversa, mas que os próprios critérios de Aristóteles para as substâncias exigem que elas sejam particulares. E embora não pretenda defender sua tese neste artigo, o que ela se propõe mostrar, na seção seguinte, é que Aristóteles só pode escapar de sua crítica a Platão se suas substâncias forem particulares.

## Critérios para substância

Nesta seção 3 de seu artigo, a autora mantém-se utilizando as *Categorias* e a *Metafísica*. É a partir destes textos que ela vai elencar os critérios de Aristóteles para a substância. São eles:

(1) *Substâncias persistem através da mudança.*

Sobre este primeiro critério, Fine afirma que ele é necessário e suficiente para que algo seja uma *substância primeira*, mas não é necessário para que algo seja *substância* pois as substâncias segundas não satisfazem este critério.

(2) *Substâncias são sujeitos (básicos).*

Fine explica que, nas *Categorias* algo pode ser um *sujeito* ou pode ser um *sujeito básico*. Algo será um *sujeito* somente quando alguma coisa puder ser predicada dele. E algo será um *sujeito básico* somente quando for aquele tipo de ser que não pode ser predicado de nada, enquanto que outras coisas são predicadas dele. Nas *Categorias* ainda, ser um *sujeito* é necessário para ser uma substância, e ser um *sujeito básico* é necessário para ser uma substância primeira.

Na *Metafísica*, ao contrário das *Categorias*, há apenas um tipo de *sujeito*, e este *sujeito* corresponde ao *sujeito básico* das *Categorias*: é aquele ser que não pode ser predicado de nada enquanto tudo o mais é predicado dele. Assim, escreve Fine:

Since every universal is, in Aristotle's view, necessarily predicated of something (e.g. 1038b15-16), no universal (and so no secondary substance) is a subject. (2) thus requires that the *Metaphysics'* substances all be particulars. (p. 402).

(3) *Substâncias são istos (thises) (tode ti).*

Nas *Categorias*, para ser um *isto* é necessário e suficiente ser um particular. Nenhuma substância segunda pode ser um *isto* porque são ditas de muitas coisas, são, portanto, universais. Assim, nas *Categorias*, ser um *isto*, ou ser um particular, é necessário mas não é suficiente para ser uma substância primeira; não é necessário e nem suficiente para ser uma substância.

Na *Metafísica*, mais uma vez, tudo muda. A *ecceidade*<sup>5</sup> não é mais explicada em termos de particularidade mas, agora, ela é necessária e suficiente para ser uma substância. E, embora ela não seja explicada em termos de particularidade, ela é aplicada apenas a particulares. Como particulares não podem ser ditos de outra coisa, então:

[...] every universal, in Aristotle's view, is necessarily said of something; hence none is a this (1038b15-16; b34-1039a2). If no universal is a this, but every substance must be, then, once again, it follows that Aristotle's substances in the *Metaphysics* are all particulars. (p. 403).

(4) *Substâncias são separadas (choris, choriston).*

<sup>5</sup> V. "Ecceidade ou Hecceidade, G. τóδε τι, Aristóteles; L. escol. *Ecceitas e Haecceitas*; D. *Diesheit*, Wolff; E. *This-ness*, Baldwin; F. *Eccéité ou Haecceité*; I. *Ecceità*, Ranzoli. Termo criado por Duns Scot. O que faz com que um indivíduo seja ele mesmo e se distinga de qualquer outro. [...]". in *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia* André Lalande, vários tradutores, Martins Fontes, São Paulo, 1993.

Os critérios (4) a (6), alerta Fine, estão ausentes das *Categorias*, ou não são mencionados nela. Quanto a este critério (4), na *Metafísica* é dito que somente a substância é separada, ou seja, pode ser, ou existir, separada das outras coisas. E como, tanto nas *Categorias* como na *Metafísica*, Aristóteles nega que os universais (as substâncias segundas das *Categorias*) sejam separados, resta que, mais uma vez, as substâncias da *Metafísica* são particulares.

(5) *Substâncias são anteriores na definição.*

Segundo Aristóteles, "na definição de cada coisa deve haver uma definição da *ousia* (1028a35-6)." (p. 404). Nas *Categorias*, de acordo com Fine, o comprometimento com este critério é silenciado; mas na *Metafísica* ele é explícito e é considerado um critério necessário e suficiente para substância. Portanto, conclui Fine, como Aristóteles nega, na *Metafísica*, que existam substâncias universais, com (5) ele só pode estar se referindo a substâncias particulares.

(6) *Substâncias são anteriores no conhecimento.*

Aristóteles atribui à substância a prioridade no conhecimento: conhecer algo é conhecer sua essência e, para conhecer a essência de algo, deve-se conhecer a substância. Para conhecer alguma coisa é necessário defini-la, e defini-la adequadamente é definir a substância. Mais uma vez, segundo Fine, o critério (6) é silenciado nas *Categorias* mas está presente na *Metafísica* como critério necessário e suficiente para substância. E como, mais uma vez, universais não contam como substância, Aristóteles só pode estar se referindo à prioridade no conhecimento de substâncias particulares.

Desta forma, Fine finaliza esta seção 3 pretendendo ter demonstrado que, considerando estes critérios e chegando-se à conclusão de que Aristóteles exclui qualquer universal da categoria de substância, as formas de Platão, substâncias universais, não possuem qualquer condição - necessária ou suficiente - para assumir o posto de substâncias: "os critérios para substância excluem todos os universais do rol da substância." (p. 406).

## Substâncias platônicas

Na seção 4, Gail Fine, analisa o desempenho das formas de Platão, chamadas por ela PFs e por Aristóteles substâncias, frente a cada um dos critérios de Aristóteles para a substância.

Admitindo-se que as PFs não satisfazem o critério (1): elas não suportam a mudança ao longo do tempo, Gail Fine argumenta que Platão consideraria razoável supor que as entidades básicas do universo são estáveis e afirmaria que as PFs são, de fato, eminentemente estáveis.

Poderia talvez haver aqui alguma dificuldade para entender como entidades imutáveis explicariam a mudança, e, no entanto, é o que elas deveriam fazer. Fine lembra o primeiro motor de Aristóteles que, embora não mude, explica algumas mudanças. Assim, as PFs são relevantes e necessárias para explicar a mudança.

Por fim, se o critério (1) é tomado num sentido fraco - substâncias devem ser estáveis e explicar a mudança - ele é uma condição necessária e razoável para substância e as PFs o satisfazem. Se ele é tomado num sentido forte e afirma simplesmente que a substância deve suportar a mudança através do tempo, ele não é uma condição necessária e razoável - dada a existência de substâncias se-

gundas que não satisfazem o critério -, e o fracasso das PFs em satisfazê-lo não é demérito seu.

Aristotle may be right, then, to require that substances be stable and explanatorily relevant to change; if (1) is so weakened, it is at least a reasonable necessary condition on substance - but one PFs satisfy. If, however, it is strengthened so as to require that substances be capable of sustaining change through time, then it is not a reasonable necessary condition on substance, and so PFs' failure to satisfy it is not to their discredit. (p. 407).

Se, porém, o critério é tomado num sentido forte e afirma que a substância deve suportar e sofrer a mudança para poder explicá-la, ele é um critério apenas razoável e suficiente, e o fracasso das PFs em satisfazer um critério suficiente não mostra que elas não são substâncias. Mostra, em favor de Aristóteles, que elas não são as únicas substâncias, se há substâncias capazes de satisfazer o critério neste sentido forte.

Aristotle might, however, fairly protest (though Plato would no doubt reject the protest) that (1) is a reasonable condition for substance - for it seems to assume that among the entities explanatorily relevant to change are those that undergo and sustain change. PFs' failure to satisfy a suficiente condition for substance does not show that they are not substances at all, but if other entities than PFs satisfy (1), that would show that PFs are not the *only* substances. (p.407-8).

Quanto a (2) Fine argumenta que Platão concordaria em que as PFs não são sujeitos básicos e que, de acordo com o *Timeu*, este papel é reservado ao receptáculo (49e7 seg.; 50b5 seg.). Ainda assim, citando Owen, a autora afirma que Platão rejeitaria o critério e argumentaria que as PFs são sujeitos básicos no seguinte sentido: 'aqueles sujeitos do discurso aos quais, todas as nossas descrições do mundo devem, pelo menos quando devidamente analisado de forma canônica, fazer referência direta ou indireta'. Se é assim, então as PFs satisfazem (2). (p. 408 e n. 18).

A conclusão de Fine sobre (2) é que ele não é um critério necessário e plausível para substância, no entanto, mais uma vez, em favor de Aristóteles, se outras coisas satisfazem (2), ele mostra que as PFs não são as únicas substâncias. (p. 409).

Em relação a (3) a autora sustenta que Aristóteles concorda em que as PFs o satisfazem. E isto porque, contrariando Platão, Aristóteles insiste em que as PFs são istos ou particulares. O problema é que, se elas são particulares e universais ao mesmo tempo, estão sujeitas à regressão infinita e viciosa (TMA); se são universais não podem ser substâncias. Se é assim, diz Fine, este problema é um complicador inclusive para o próprio Aristóteles. Ele revelaria que as ASs (substâncias aristotélicas) não podem ser universais de qualquer tipo, sob pena de também caírem no dilema.

PFs are not vulnerable to the TMA merely because they are thises, but because (so Aristotle believes) they are *also* universals; it is because they are allegedly universals and particulars at once that the TMA threatens.

Aristotle can avoid the dilemma, then if ASs are thises but not also universals. Here is one reason to doubt that ASs are universals of any sort - for if they were, they would succumb to Aristotle's dilemma. (p. 409).

Por fim, Fine conclui não saber se Aristóteles pode escapar de seu próprio dilema, mas afirma que Platão pode, pois as PFs não são particulares e universais ao mesmo tempo e, assim, não estão sujeitas à regressão infinita. As PFs são somente universais.

Whether or not Aristotle can scape his dilemma, I believe Plato can: he would protest again both (a) and (b). As to (a): if we think of the *Categories'* account of thisness, in terms of particularity, then I doubt that PFs are thises; they are universals but not particulars. (p. 409).

Quanto a (4), Fine diz que Aristóteles está errado em pensar que Platão está comprometido com a separação das PFs. Embora possa ser verdade que algumas PFs sejam separadas, Platão nunca diz que as formas estão separadas, e é difícil encontrar qualquer comprometimento com a separação nos diálogos platônicos. Apenas a passagem do *Timeu* poderia ser lida neste sentido, mas isto é controverso.

Although Aristotle is probably correct to say that Plato is committed to the separation of at least some PFs, he is wrong to suggest, as he seems to, that Plato explicitly mentions separation as a criterion for substantiality that PFs satisfy. Indeed, Plato never even explicitly says that forms are separate; and it is surprisingly difficult to find any commitment to separation in the dialogues (though as we've just seen, commitment to separation can, on one controversial reading, be teased out of the *Timaeus*. (p. 411).

Fine argumenta que as PFs satisfazem (5) e (6) do seguinte modo. No *Ménon*, conhecimento é crença verdadeira acompanhada de explicação; no *Fédon*, as PFs são causas básicas e entidades explicativas; na *República V*, conhecimento requer referência a formas.

Hence, adequate accounts must refer to PFs; all definitions, and so all knowledge (since knowledge requires definitions, *logoi*), involves reference to PFs. [...] To know or define PFs, however, one need not - indeed, one cannot - first know or define other things; knowledge and definition of PFs is a precondition for knowledge and definition of anything. Hence, PFs are prior in knowledge and definition. (p. 412).

## Substâncias aristotélicas

Nesta seção, Gail Fine pretende analisar o desempenho das ASs frente aos critérios adotados por Aristóteles para definir a substância.

Em relação a (1) a autora diz que as ASs se dão melhor, já que as PFs não o satisfazem. Mas, visto que (1) é uma condição apenas suficiente, ele não nos obriga a retirar as PFs do rol das substâncias. (1) nos dá alguma razão para acrescentar as ASs a este rol. Fine argumenta que Aristóteles pode enfrentar alguma dificuldade aqui pois,

[...] of the *Physics*, he acknowledge that matter appears to satisfy it as well - a lump of bronze, for example, can sustain the change of shape that results in its constituting a ring. Perhaps this is one reason why (1) is muted in the *Metaphysics*. (p. 416).

Sobre (2), Fine nos diz que este é um critério apenas suficiente para substância, de modo que o fracasso das PFs em satisfazê-lo não as impugna como substâncias. No caso das ASs, a satisfação delas a este critério, exige que elas sejam particulares. E isto nos obriga, mais uma vez, a acrescentá-las ao rol das substâncias juntamente com as PFs.

Enquanto que nas *Categorias* as substâncias primeiras de Aristóteles são sujeitos básicos, na *Metafísica*, diz Fine, "parece que a matéria (ou matéria-prima) é o único sujeito. Pois, somente a matéria não é predicada de nada; e tudo o mais é, em última análise, predicado dela (Z3, 1029a7-27)." (p. 416). Isto pode desalojar tanto as PFs como os candidatos de Aristóteles do rol das substâncias. Mas, diz Fine, Aristóteles pode defender-se do seguinte modo:

A better argument is this one: that the way in which form is predicated of matter is importantly different from the way in which other things are predicated of form. To be a (basic) subject is to be a token of a type (i) none of whose members is predicated of anything but a matter; and (ii) such that all other sorts of things than matter are predicated of tokens of that type. (p. 417).

Porém, continua Fine, embora esta modificação do critério possa permitir que formas individuais sejam sujeitos básicos, ela se parece com uma artimanha. Talvez isto possa significar o reconhecimento de Aristóteles de que o critério inicial seja inadequado e necessite ser revisado. Não é possível saber se Aristóteles tem um bom argumento para isso. O ponto importante aqui, segundo ela, é que, embora as PFs possam falhar em (2), os candidatos de Aristóteles também podem falhar. "In so far as ASs satisfy (2), however, and in so far as it is a plausible sufficient condition, that gives us reason to believe that ASs, as well as PFs, are among the substances." (p. 417).

Em relação a (3), Gail Fine afirma que as ASs são istos (thises) nas *Categorias* pois são particulares. Isto, porém, não é razão para inclui-las no rol das substâncias, tendo em vista que (3) não é condição necessária e plausível ou suficiente para substância. As ASs também são istos na *Metafísica* (1030a3 e seg.).

O ponto importante aqui para Fine é que, embora as ASs sejam particulares, elas não estão sujeitas à TMA como Aristóteles insiste no caso das PFs. Isto acontece, justamente porque as ASs são só particulares e não também universais. "Here is another reason to believe that Aristotle acknowledge individual forms; for the forms that are thises (and so primary substances) cannot be universals, on pain of the TMA." (p. 418).

Deste modo, interpretando os critérios (1), (2) e (3) em termos de particularidade, as ASs se saem melhor do que as PFs. A defesa de Platão, segundo Fine, consiste em dizer que estes critérios não são condições plausíveis e necessárias para substância, e portanto, o estatuto de substâncias das PFs pode ser preservado. Em favor de Aristóteles conta que, pelo menos, (1) - (2) são condições plau-

síveis e suficientes e, assim, Aristóteles pode dizer que "as PFs não são as únicas substâncias; as ASs qualificam-se muito bem." (p. 418).

(4) Nas *Categorias* não é dito que as substâncias primeiras são separadas mas é dito que elas não são universais. Na *Metafísica* é dito que universais não são separados e que a substância é separada. Para averiguar estas afirmações, Fine examina o composto de forma e matéria Sócrates. Ela escreve:

Socrates, on Aristotle's view, cannot exist and fail to be a man. But then, the secondary substance or species man must exist if Socrates does. (This is so even in the *Metaphysics*, where man no longer counts as a secondary substance.) But if Socrates cannot exist unless man does, he is not independent of, and so is not separate from, man. [...] PFs, however, are separate from particulars; and so they, but not ASs, satisfy (4). (p. 418-9).

Segundo Fine, Aristóteles tenta modificar o critério (4) no sentido de dizer (*Metaf.* H1 1042a28-31) que há dois tipos de separação: separação sem qualificação e separação na definição. Isto significa dizer que os compostos são separados sem qualificação (podem existir sem outras coisas), mas algumas formas são separadas apenas na definição (podem ser definidas sem referência a outras coisas). Isto parece ser suficiente para satisfazer (4): que alguma coisa seja separada na definição.

Porém, esta modificação faz Aristóteles cair em quatro dificuldades. Primeiro, ele admite que algumas de suas substâncias não satisfazem (4) mas uma versão modificada dele. Segundo, parece falso que compostos sejam separados sem qualificação. Terceiro, esta modificação de (4) resulta em (5) e não está claro que as substâncias primeiras satisfazem (5). Quarto, a transformação de (4) em (5) ameaça arruinar uma das críticas de Aristóteles a Platão, pois Aristóteles argumentava antes que não era possível satisfazer os critérios de (4) - (6) sem incoerência: (4) requeria particularidade, enquanto (5) - (6) requeriam universalidade. Com esta modificação a incoerência desaparece, de modo que as PFs se saem melhor que as ASs no critério (4) modificado.

(5) - (6) Sobre estes critérios Fine nos diz que, em *Metaf.* M10, Aristóteles reconhece um dilema que o ameaça tanto quanto a Platão: substâncias são separadas e, portanto, são particulares; substâncias são cognoscíveis mas particulares são incognoscíveis. A questão é saber como Aristóteles resolve o dilema e se, ao fazê-lo, ele mantém intacta sua crítica a Platão.

Segundo Fine, Aristóteles resolve a questão insistindo em que substâncias são separadas, mas que particulares - ou pelo menos alguns particulares - podem ser conhecidos e definidos. Para Platão, universais são separados, mas não os particulares.

Para Aristóteles há dois tipos de conhecimento: atual e potencial. O conhecimento atual é de algo definido, portanto um particular. O conhecimento potencial é de algo indefinido, portanto um universal.

But Aristotle seems to go further, and to insist that particulars are definite or definable, universals indefinite or indefinable (1087a16-18). This stronger claim allows particulars to be knowable and definable; but it is inconsistent with other claims Aristotle makes, such as the claim

in Z15, that particulars are indefinable. The claim in M10 thus seems to be either too weak, or else to contradict other central Aristotelian claims. (p. 421-422).

Onde está a crítica a Platão? Gail Fine pensa que Aristóteles pode dizer o seguinte: podemos conhecer vários universais ou conceitos gerais aprendendo, conhecendo ou identificando vários particulares. Estes particulares são particulares deste mundo e não formas de outro mundo como as PFs. Assim, estes particulares são anteriores em aprendizado e conhecimento enquanto as PFs não são.

Para responder a esse repto, Fine imagina que Platão lançaria mão de sua doutrina da anamnésis. Ele, então, muito simplesmente, diria que para conhecer os particulares deste mundo é preciso já possuir os conceitos gerais fornecidos pelo conhecimento prévio das formas do outro mundo, as PFs. Deste modo, elas, os universais, são anteriores em conhecimento. Fine escreve: "Aristotle seems to believe that there are two neatly separable stages in learning, as though one first identifies particulars, and only later acquires general concepts." (p. 422).

Se aplicarmos as duas teorias, continua Fine, a um tipo de conhecimento e definição de alto nível como a *episteme*, qual das duas se sairá melhor em (5) e (6)? Segundo fine, se aplicarmos o entendimento de Aristóteles de que só há conhecimento e definição de universais, teremos de concordar que as PFs e não as ASs se saem melhor, visto que as PFs são universais.

Ainda assim, pode-se concluir que, tanto as PFs como as ASs, satisfazem (5) e (6) por meio de uma modificação desses critérios. Fine argumenta que "o melhor tipo de conhecimento e definição deve, pelo menos, dizer respeito a aspectos permanentes do universo." Deste ponto de vista, pode-se alegar que as PFs são melhores para explicar estes aspectos por serem eternas e imutáveis, enquanto que as formas aristotélicas são perecíveis. Mas, diz Fine, Aristóteles ainda poderia dizer que o primeiro motor, ou deus, ou as estrelas, por serem imperecíveis, se dão melhor que as PFs. Além disso, continua Fine:

[...] the best sort of knowledge and definition must at least concern permanent features of the universe, but also to various sublunar phenomena, not all of which are permanent? After all, we are concerned to understand the world around us, and hence definitions and knowledge must in some sense be about it. If we weaken (5) - (6) in this way, then they constitute plausible criteria for substance; but they are then also ones both PFs and ASs satisfy. (p. 423).

## Conclusão

A conclusão a que Gail Fine chega, ao meu ver, é bastante semelhante à que chega Aristóteles ao analisar, nos livros iniciais da *Metafísica*, o estudo do ser realizado pelos filósofos anteriores a ele. Resumida e simplificadamente, podemos dizer que Aristóteles conclui que todos eles, de alguma forma, identificaram aspectos importantes do ser, mas nenhum conseguiu, de fato, atingir o essencial sobre o ser.

Penso que é mais ou menos a esta conclusão que Gail Fine chega a respeito das PFs e ASs expresso no parágrafo final de seu artigo:

Our argument suggests that the question with which I began - 'What are *the* substances?' - is not legitimate, if it is taken to suggest that there is some one sort of entity that alone has privileged status, that alone satisfies all the criteria for substance. For different sorts of entities - both universals and particulars - are indispensable features of the way the world is, and so of our understanding of the world. (p. 425).

## Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Aristotelis Opera*. Aristoteles Graece ex Recognitione Immanuelis Bekkeri. Darmstadt: Ed. Academia Regia Borussica. 1960, 2 vols.

\_\_\_\_\_. *Metafísica*. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

\_\_\_\_\_. *Categorias*, Trad. António Monteiro. Lisboa: Lisboa Editora, 2002.

FINE, G. "Plato and Aristotle on Form and Substance" in *Plato on Knowledge and Forms*, Selected Essays. Oxford: New York, Clarendon Press, 2003, p. 397-425.

LALANDE, André. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*, Trad. Fátima Sá Correia, Maria Emília V. Aguiar, José Eduardo Torres e Maria Gorete de Souza, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SCHÄFER, C. (Org.). *Léxico de Platão*. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

PLATÃO. *Diálogos, Timeu, Crítias, O segundo Alcibíades, Hípias Menor*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.

\_\_\_\_\_. *Mênon*. Trad. Maura Iglesias. São Paulo: Editora PUC Rio, Edições Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. *Diálogos, Protágoras, Górgias, Fedão*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2002.

\_\_\_\_\_. *A república*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2016.

\_\_\_\_\_. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora Universitária UFPA, 2011.

---

### Sobre o autor

#### Otavino Candido de Paula Neto

Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Mestre em Filosofia (2014), Bacharel e Licenciado em Filosofia (2004) pela Universidade de São Paulo. Atualmente é Professor de Filosofia da Educação Básica do Estado de São Paulo. E-mail: otavino@usp.br

Recebido em: ago/2017

Aprovado em: jan/2018

#### Como referenciar esse artigo

NETO, Otavino Candido de Paula. Forma platônica e Substância aristotélica. *Argumentos: Revista de Filosofia*. Fortaleza, ano 10, n. 19, p. 174-185, jan.-jun. 2018.